

EDITORIAL



E Bible - Catholic Menes (9.11.2012)

EDITORIAL

Maria Laura Bettencourt Pires
Universidade Católica
Sociedade Científica

"Chamados a fazer brilhar a Palavra da verdade"
Porta Fidei n. 6, Papa Bento XVI¹

Um dos objectivos dos números temáticos da *Gaudium Sciendi* é publicar artigos actuais e cientificamente rigorosos que permitam aos leitores e à comunidade de investigadores identificar e acompanhar o desenvolvimento de questões relevantes e de debates sobre um determinado tema e a sua evolução teórica.

Embora este número seja temático e integralmente dedicado aos Estudos Bíblicos, além de um Editorial, no qual se pretende dar uma panorâmica geral e fazer uma apresentação e um comentário sobre a importância e a actualidade do assunto central, decidimos dividi-lo em duas partes a fim de na primeira ter a oportunidade de dar a conhecer o Discurso de Posse da Senhora Reitora da Universidade Católica, devido ao interesse e à preeminência do texto em momentos agitados de transição, como aqueles em que nos encontramos. A II parte é constituída por artigos de grande perspicuidade, concisão e sobretudo clareza de raciocínio, que resultam das comunicações feitas no Seminário Interdisciplinar "A Transversalidade Linguístico-Cultural da Bíblia", organizado pela Sociedade Científica e que decorreu entre Março e Junho de 2013 na Universidade Católica.

Quanto ao motivo da escolha do tema para este número, teve influência o facto de se reconhecer que actualmente, entre as recentes formas de comunicação de massa, se atribui um papel cada vez mais relevante à *internet*², que constitui um novo fórum onde se pode divulgar o

¹ Palavras proferidas pelo Santo Papa no Vaticano, em 6 de Janeiro de 2012, quando da Solenidade da Epifânia do Senhor.

² Basta pensarmos no sucesso de *The NET Bible*, uma nova tradução electrónica muito popular com cerca 60.932 notas elaboradas pelos 25 tradutores especialistas nas línguas bíblicas originais hebreu,

Evangelho³, na certeza, porém, de que, embora a evangelização possa usufruir da virtualidade oferecida pelos novos meios de comunicação social, o mundo virtual nunca poderá substituir o real.

Por outro lado, relativamente à opção pelo estudo das traduções, sabendo-se que a divulgação da Palavra de Deus é parte imprescindível da missão da Igreja no mundo, é evidente que um momento decisivo deste processo é a difusão da Bíblia por meio do valioso trabalho de tradução nas diversas línguas. A este propósito, é de recordar que a obra de tradução das Escrituras teve início nos tempos do Antigo Testamento quando o texto hebraico da Bíblia foi vertido oralmente para aramaico e, mais tarde, traduzido por escrito para grego. De facto, uma tradução é sempre algo mais do que uma simples transcrição do texto original. A passagem de uma língua para outra implica obviamente uma mudança de contexto cultural pois os conceitos não são idênticos e o alcance dos símbolos é diferente, por estarem relacionados com outros modos de pensar e de viver. Além disso, se o tradutor for responsável por fazer mudanças textuais que não sejam necessárias ao processo de tradução, a sua abordagem assemelha-se, no fundo, às dos antigos escribas criativos, que reformularam o texto herdado a fim de produzir uma nova edição, e o seu trabalho não deve ser considerado inferior ao deles.

Teve também influência na nossa escolha o facto de ainda haver povos que não têm acesso à Sagrada Escritura nas suas próprias línguas, tal como aprendemos com o Vaticano II, e de o Sínodo⁴ considerar importante que se formem especialistas, que se dediquem a traduzir e a estudar a Bíblia, sobretudo na nossa sociedade tão secularizada, e de nos incitar a que nos empenhemos para que a Sagrada Escritura se torne cada vez mais acessível a nível global.

aramaico e grego. O acesso é livre em 170 países e com cerca 40.000 páginas constitui a maior fonte de recursos de estudos bíblicos acessível na *Internet*.

³ João Paulo II, Carta Apostólica, *O rápido desenvolvimento* (24 de Janeiro de 2005): AAS 97 (2005) 265-274; Pont. Cons. para as comunicações sociais, Instrução pastoral sobre as comunicações sociais no XX aniversário da "Communio et progressio", *Aetatis novae* (22 de Fevereiro de 1992): AAS 84 (1992) 447-468; *Idem*, *A Igreja e a internet* (22 de Fevereiro de 2002): *Ench. Vat.* 21, nn. 66-95; *Idem*, *Ética na internet* (22 de Fevereiro de 2002): *Ench. Vat.* 21, nn. 96-127.

⁴ XII Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos.

Outro dos aspectos que influenciou o nosso trabalho foi o facto de estarmos conscientes do valor do diálogo inter-religioso e da colaboração entre estudiosos pertencentes a diversas tradições religiosas para interpretarem a Bíblia de diferentes perspectivas metodológicas, teológicas e ideológicas e tanto de um ponto de vista histórico como literário e linguístico. Reunimos, assim, neste volume textos de colaboradores que representam o mais alto nível da investigação bíblica em Portugal, provenientes de diferentes orientações confessionais e que analisam o actual desenvolvimento dos estudos da Bíblia assim como as suas origens e evolução futura, fazendo-o num espírito de diálogo inter-religioso cordial e diligente.

Procurámos assim ter olhares cruzados sobre a Bíblia⁵ e as suas diferentes versões, sabendo que desde sempre os debates sobre tradução têm sido um dos temas da investigação bíblica mesmo apesar das contribuições da arqueologia e da filologia no século XX. Neste número da *Gaudium Sciendi*, conscientes de que todo o processo de leitura se legitima a partir do seu objecto e de que o texto bíblico - quer seja considerado como uma totalidade acabada oferecida ao olhar do leitor ou como o fruto de uma "escrita em movimento" que demonstra as marcas da sua gestação literária - não pode ser estudado de uma única perspectiva, facultamos aos nossos leitores textos de exegetas, biblistas, historiadores da cultura e especialistas das ciências da linguagem que, deste modo, cruzam as suas investigações sobre a Sagrada Escritura. Assim sendo, para além de referências à concepção do texto e à sua genealogia e história, tivemos oportunidade de analisar os processos de reescrita de que ele é o resultado e de verificar como atingiu os seus objectivos, aliando assim a análise narrativa, que é uma parte integrante de um acto de leitura, à crítica histórica.

Sendo herdeiros de uma leitura muito conceptualizada, para além de nos questionarmos sobre o que diz o texto, podemos também fazer a seguinte pergunta: "Que olhar novo se pode lançar sobre o acto da leitura?". Sabemos que a análise narrativa, ou narratologia, tal como a semiótica, fala de um significado em construção mas capta essa construção seguindo o desenrolar do texto. A sua pergunta não é, portanto, o que diz o texto mas sim que

⁵ RRENAB, *Regards Croisés sur la Bible- Études sur le Point de Vue*, Paris: Cerf, 2007.

trajectória ele propõe ao leitor. A análise narrativa consiste em seguir esse significado em progresso no, e pelo, texto observando no circuito organizado

pelo narrador, os silêncios e ambiguidades que ele deixou no caminho. O resultado desse tipo de análise não consiste numa síntese discursiva mas sim na descrição de um percurso significativo⁶.

É também do conhecimento geral que há uma polifonia de pontos de vista acumulados no texto e que a narrativa não é o resultado de um só olhar mas sim da acumulação de olhares divergentes, e por vezes discordantes, sendo frágil o equilíbrio entre a programação de leitura do narrador e a liberdade de escolha do leitor que é suscitada justamente pela multiplicidade de pontos de vista orquestrada pelo narrador.

Contudo, alguns estudiosos consideram o texto bíblico como "uma produção de uma única origem escrita apenas por um autor que realizou a sua obra de modo independente"⁷. Opõe-se-lhe, obviamente, a noção de que todos os textos, e não apenas a Bíblia, são construídos sobre uma intertextualidade e um dialogismo básico que os articula com os textos anteriores, tal como Bakhtine nos ensinou. É também de referir que estes fenómenos de dialogismo se aplicam, seja qual for a singularidade dos processos de escrita relativos às Sagradas Escrituras, uma vez que a maior parte dos seus textos resultam de versões diversas. Apesar disso, a tese da onisciência, corrente na narratologia, parece indiscutível no domínio dos estudos bíblicos nos quais se apoia na concepção transcendental de um Deus onipotente e onisciente (sobretudo na narração judaica tradicional). Todavia, é perigoso associar as duas questões pois um assunto é a concepção do criador divino e outro é a análise linguística e semiótica dos textos⁸. A ideia de que Deus, como transcendência, é onisciente não implica uma transposição para o plano linguístico e semiótico.

⁶ É de referir a este propósito que os que seguem o "King James Movement" rejeitam liminarmente a crítica textual e mantêm que os tradutores da *King James Bible* foram guiados por Deus.

⁷ Robert Alter, *L'Art du récit biblique*, Bruxelles: Lessius, 1999, pp. 32-33.

⁸ Sobre este tema ver: Mieke Bal, *Narratologie*, Paris: Klincksieck, 1977 e Meir Sternberg, *The Poetics of Biblical Narrative, Ideological Literature and the Drama of Reading*, Bloomington: Indiana University Press, 1987, p. 99 ss.

Na análise literária dos textos bíblicos, a tendência actual leva-nos a considerar o crítico como sendo ele próprio o produto de um contexto cultural específico. Os autores e os materiais escritos são analisados tendo em consideração o que se passa no acto da sua interpretação por um exegeta⁹ moderno. Desta forma, os estudos formalistas ocupam-se sobretudo do texto mas há um movimento na comunicação do emissor em direcção à mensagem e depois ao receptor, isto é, do autor bíblico para o próprio texto actualizado pelos seus destinatários e finalmente para o crítico visto como último leitor. É, portanto, enfatizada a relevância dos leitores e dos críticos¹⁰ - que não são apenas simples leitores mas sim "re-leitores" criativos, cujas numerosas escolhas influenciam quem lê a obra - e o ponto de vista do crítico domina todas as suas escolhas interpretativas. Consequentemente, visto que o intérprete é o produto do seu próprio ambiente, temos também de estudar esse ambiente e os estudos bíblicos podem ser considerados como fazendo parte dos Estudos de Cultura.

Pode então concluir-se que o significado não reside exclusivamente nem no texto nem na mente do leitor pois é o produto da sua interacção. Manter a dualidade entre o texto e o destinatário é fundamental para evitar pensar que este está no leitor (construtivismo) ou considerar em alternativa que quem lê está no texto (o que iria contra o acto de leitura contemporâneo, eliminando a possibilidade de leituras novas). Durante o processo sequencial e global do acto de ler, cabe ao leitor preencher as lacunas do texto, resolver as indeterminações e pôr em relação passagens distantes, devendo este, portanto, estar aberto a diversas leituras. Apela-se, pois, a competências extratextuais necessárias à leitura que estão, como já vimos, culturalmente marcadas, podendo concluir-se que a variabilidade na interpretação de um texto provém muitas vezes da diversidade cultural dos seus leitores.

⁹ Exegese é a denominação que, desde o século II da Era Cristã, se confere à interpretação das Sagradas Escrituras.

¹⁰ Sobre a relação entre o leitor e a crítica, veja-se George Steiner, "Critic/Reader", *New Literary History* 10, 1979 e sobre a relação entre o texto e o leitor, Wolfgang Iser, "The Reading Process: A Phenomenological Approach", *New Literary History* 3, 1972, pp. 279-99.

Para além da já referida abordagem interpretativa dos Evangelhos orientada em direcção ao leitor e aos críticos¹¹, temos também a problemática do ponto de vista, que, segundo o paradigma teórico da enunciação, é apreendido pelas marcas linguísticas que denotam, ou conotam, a instância enunciativa na origem da referenciação. Pode dizer-se que o ponto de vista se refere ao modo como uma história é contada, e será, portanto, a perspectiva apresentada pelo autor.

Ao reflectir sobre a evolução notável dos Estudos Bíblicos na nossa época, é de mencionar que vários factores contribuíram para esta situação, tais como: a expansão das disciplinas de análise filológica, literária e histórica; o aumento dos encontros internacionais e interconfessionais de especialistas do estudo da Bíblia; a aproximação dos métodos de trabalho e das concepções teóricas gerais dos estudiosos; a experiência a nível mundial de traduções comuns; o surgimento, entre o grande público, da necessidade de edições correspondentes às exigências científicas actuais¹²; o progresso do movimento ecuménico que criou um clima favorável ao diálogo e a procura de uma melhor compreensão do texto nas diversas confissões.

Desta evolução resulta também a tomada de consciência da necessidade de novas abordagens, que derivam igualmente dos nossos actuais hábitos diferentes de leitura e das nossas expectativas como leitores, que, embora informados, sabem que, ao longo dos séculos, perderam a capacidade de entender as implicações das palavras originais e esqueceram as convenções sobre as quais se baseavam as narrativas bíblicas¹³.

Conscientes da multiplicidade de estudos sobre a Bíblia existentes em todo o mundo, neste número da *Gaudium Sciendi* o nosso objectivo não é, obviamente, atingir a exaustividade neste domínio mas sim provocar uma

¹¹ Alguns exegetas consideram que há quatro abordagens distintas da Bíblia: a que está implícita no próprio material bíblico; a perspectiva rabínica; a cristã e a moderna abordagem crítica. Esta ideia orientou a nossa selecção dos textos a publicar.

¹² Veja-se, em França, as versões protestantes da *Bible du Centenaire* (1917-1948) e a tradução católica dirigida pela Ecole Biblique de Jérusalem (1947-1955 e a edição revista de 1973).

¹³ V. Alain Rabatel, "Points de vue et représentations du divin dans 1 Samuel 17, 4-51; "Le récit de la Parole et de l'agir humain dans le combat de David contre Goliath"; "Pour une narratologie énonciative ou pour une approche énonciative des phénomènes narratifs?". In J. Schaeffer, J. M. Berthelot, J. Pier (Ed.), *La narratologie aujourd'hui*. Paris: Éditions de l' EHESS, 2007.

meditação séria e vivificante da Palavra de Deus. Sabendo que toda a escrita tem o seu contexto e reserva de sentido, é de considerar, portanto, a possibilidade de novas interpretações dos textos bíblicos vistos como expressões da complexa relação entre os leitores e as condições contextuais em que são interpretados. A existência de novos interlocutores não imaginados pelo autor, que lêem o texto em novos tempos e espaços, implica que esses "leitores-intérpretes" lhe atribuam significados que façam sentido no mundo em que vivem.

Com a organização do Simpósio sobre "A Transversalidade Linguístico-Cultural da Bíblia" e com a publicação deste número temático da *Gaudium Sciendi* dedicado aos Estudos Bíblicos, pretendemos sobretudo proporcionar uma ocasião de debate sobre as Sagradas Escrituras e de reflexão sobre o seu significado no mundo actual. Quisemos, por isso, apresentar um leque de comunicações de alto gabarito científico centradas sobre a exegese, que – com as suas interpretações hermenêuticas, comentários ou explicações – contribuíssem para desenvolver uma forma de consciência histórica que tem um valor especial numa cultura como a nossa cada vez mais esquecida do seu passado. Pensamos que o conjunto de conferências que apresentamos à comunidade nos permitem ver a Bíblia mais claramente e estar atentos ao "sub-texto" que se encontra subjacente às palavras que os autores escolheram para comunicar connosco.

Considerando algumas das questões levantadas neste editorial em relação à maior obra literária do mundo, antes de terminar a minha reflexão invoco o nome do magnífico pensador George Steiner que, na sua obra *Real Presences*¹⁴, se interroga se um poema, uma pintura ou uma composição musical alguma vez poderiam ter sido criados na ausência de Deus ou se Ele será uma presença real nas artes. Steiner, com a inteligência e a retórica que o caracterizam, defende apaixonadamente que na base de toda a arte e forma de comunicação humana está uma realidade transcendente. Numa declaração de fé, afirma convincentemente que a explicação para o lugar especial que a arte tem na hierarquia das actividades humanas é de natureza religiosa e que as grandes obras literárias, musicais ou pictóricas são espirituais nos seus

¹⁴ George Steiner, *Real Presences*, Chicago: University of Chicago Press, 1989.

impulsos, transcendentos nos seus significados e misteriosas na sua força, argumentos que facilmente se aplicam à Bíblia, um dos livros sagrados da Humanidade, e à sua revelação e intensidade transformativa.

George Steiner, no seu artigo "Critic"/"Reader"¹⁵, expõe, de novo, ideias que se podem aplicar à análise e ao estudo da Bíblia ao chamar a atenção para a diferença entre um crítico e um leitor nas suas relações com o texto. Afirma que o crítico é um epistemologista, sendo as distâncias entre ele e a palavra escrita férteis e problemáticas e dando origem a composições literárias intermediárias, designadas como "meta-textos". Designações que, creio, se podem aplicar aos autores e aos artigos que integram este número da *Gaudium Sciendi*. Segundo Steiner, criticar significa "aperceber-se a distância", com o grau de afastamento mais apropriado para esclarecer e para conseguir uma inteligibilidade comunicável. O movimento do crítico é "afastar-se", no sentido em que nos afastamos de uma pintura numa parede, para melhor a compreender. É esta activação da distância entre o crítico e o objecto – no nosso caso, o texto bíblico – que torna toda a crítica epistemológica.

No caso da Bíblia, o texto no seu significado primário e arcaico não é visto como um objecto mas sim como algo que nos é dado, uma "presença", e, tal como nos diz George Steiner, está nele implícita a noção e a expressão de uma "presença real"¹⁶. O leitor lê o texto como se ele fosse a "morada" de forças e significados, como se a presença singular da vida do significado na obra fosse, de facto, uma "presença real" irredutível a um resumo analítico e resistente a julgamento. A autoridade para a intimação dessa "presença real" pode ser procurada de uma abordagem platónica ou romântica, concluindo-se que os produtos da verdadeira arte têm em si próprios vestígios vivos de intrusão transcendente. Há, obviamente, também a visão sacramental presente na leitura e na exegese dos "textos revelados"¹⁷ e, neste caso, o leitor "abre-se" ao ser autónomo do texto e tenta fundir-se com ele. O acto da leitura contribui assim para a apreensão do seu pulsar ontológico e da

¹⁵ *New Literary History*, vol. 10, Nº 3, Anniversary Issue: I (Spring, 1979), pp. 423-452.

¹⁶ V. George Steiner, *Real Presences: The Leslie Stephen Memorial Lecture, Delivered Before the University of Cambridge on 1 November 1985*, Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

¹⁷ Ocorre, a este propósito, a ideia de Heidegger de uma presença total do ser (*Dasein*) nas botas usadas pintadas por Van Gogh.

presença transcendente na sua linguagem¹⁸ e há como que uma suspensão da sua própria identidade.

Concluo este editorial, exprimindo o meu desejo de partilhar com os outros a alegria desta "presença" - de que nos falam Steiner e os colaboradores deste número da *Gaudium Sciendi* – e de a dar a conhecer para que todos a possam sentir, reavivando assim o entusiasmo da comunicação da fé.

Maria Laura Bettencourt Pires

¹⁸ Ocorre aquilo que Steiner poeticamente designa como "a comunhão do eco partilhado" e o texto é interiorizado.